



**ASSENTAMENTO COLÔNIA CONCEIÇÃO EM NIOAQUE/MS: ANÁLISES DE
SUA INFRAESTRUTURA E DA ORGANIZAÇÃO VIDA**

**THE COLÔNIA CONCEIÇÃO SETTLEMENT IN NIOAQUE/MS:
INFRASTRUCTURE AND ORGANIZATION OF THE LIFE ANALYSIS**

**ASENTAMIENTO COLONIA CONCEPCIÓN EN NIOAQUE/MS: ANÁLISIS DE
SU INFRAESTRUTURA Y LA ORGANIZACIÓN DE LA VIDA**

Fábio Pereira Nunes

Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Professor da rede municipal do Município de Nioaque, assentado no Projeto de Assentamento Areias, em Nioaque. E-mail: fabiojoaoedite@hotmail.com.

Alzira Salete Menegat

Doutora em Sociologia pelo Programa de Pós Graduação da UNESP de Araraquara, professora na graduação do curso de Ciências Sociais e da Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: alziramenegat@ufgd.edu.br.

Resumo: Neste artigo, analisamos o assentamento Colônia Conceição no que se refere à infraestrutura criada pelos assentados durante os 34 anos de sua existência (1985 a 2020). Buscamos compreender a composição dos lotes, as estratégias que criaram para permanecer, especialmente de pessoas com 60 anos na atividade de produção. Para o levantamento dos dados, realizamos entrevistas gravadas com 22 assentados e buscamos dados nas associações do assentamento, na Prefeitura do município e no INCRA/MS, construindo um estudo qualitativo, voltado a apresentar o viver no lugar. Os resultados mostram reestruturação na composição dos lotes, que inicialmente abrigavam 373 unidades com pessoas neles residindo e produzindo. No ano de 2020, encontramos assentados em 230 deles, e em 143 lotes verificamos que não existem moradores, sendo suas áreas anexadas a outras devido à comercialização, ou quando do falecimento dos beneficiários e/ou saída de seus filhos. Dentre os 230 lotes com assentados, 128 deles estão ocupados por pessoas de 60 anos ou mais, demonstrando que vivem a velhice num lugar em que o cotidiano de trabalho exige esforço físico, embora suas forças diminuam, fazendo daquele espaço a morada da vida.

Palavras-chave: Assentamento rural. Assentados. Estratégias de vida.

Abstract: In this article we analyze the Colônia Conceição Settlement, as far as infrastructure that the settlement families created and reorganized during the 34 years from the creating of the settlement (1985 to 2020). We seek to understand the composition of the



lots, the strategies that they find to remain in the place, especially, the permanence of people with 60 years or more in the activity of production. For the data research, we realized interviews recorded with 22 settled and searched the data in associations of the settlement, in City hall and in INCRA/MS, building a qualitative study, aimed to present the way of living in the place. The results show reconstruction in the composition of the lots, which initially housed 373 units with people living and producing. In the year of 2020, we found settlers in 230 units, and in 143 lots we noticed no residents, their areas were attached in others for the commercialization, or when the beneficiaries died and/or their children left. Among the 230 lots with settled, 128 are occupied with people with 60 years or older, showing that they live old age in a place that the day a day of work needs physical effort, although their forces decrease, they make that place a space for living life.

Keywords: Settlement, rural. Settled people. Life strategies.

Resumen: En este artículo, analizamos el asentamiento Colônia Conceição con respecto a la infraestructura creada por los colonos durante los 34 años de su existencia (1985-2020). Buscamos entender la composición de los lotes, las estrategias que crearon para estrategias para quedarse, especialmente de las personas con 60 años en la actividad productiva. Para la recolección de datos, realizamos entrevistas grabadas con 22 colonos y buscamos datos en las asociaciones de asentamientos, en el ayuntamiento del municipio y en el INCRA/MS, construyendo un estudio cualitativo, destinado a presentar la vida en el lugar. Los resultados muestran una reestructuración en la composición de los lotes, que inicialmente albergaban 373 unidades con personas que residían y producían en ellos. En 2020, encontrado asentados en 230 de ellos, y en 143 lotes comprobamos que no hay residentes, sus áreas se unen a otros debido a la comercialización, o cuando los beneficiarios murieron y / o la salida de sus hijos. Entre las 230 parcelas con colonos, 128 de ellas están ocupado por personas de 60 años o más, lo que demuestra que viven la vejez en un lugar donde el trabajo diario requiere esfuerzo físico, aunque sus fuerzas disminuyen, haciendo de ese espacio la morada de la vida.

Palabras clave: Asentamiento rural. Asentados. Estrategias de la vida.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos reflexões sobre o assentamento Colônia Conceição, instalado no município de Nioaque, em Mato Grosso do Sul (MS), analisando sua infraestrutura, atentando para a organização dos lotes, durante o percurso de 1985 a 2020, no que se refere ao fazer produtivo neles desenvolvido, bem como as estratégias que utilizam



com a produção, especialmente, pelo fato de ser um assentamento que conta com significativa presença de pessoas com 60 anos ou mais ainda atuando na gestão de 128 unidades dentre as 230, onde encontramos pessoas residindo e produzindo alimentos. Essa permanência aponta para a existência de projetos direcionados ao viver em lotes de reforma agrária.

A criação do assentamento Colônia Conceição no município de Nioaque, em Mato Grosso do Sul, ocorreu no dia 25 de junho de 1985, sob a resolução de nº 060, tendo o número de SIPRA MS 0010000, conforme dados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária/INCRA-Mato Grosso do Sul (INCRA/2015).¹

A área do assentamento é de 10.587,4535 ha, dividida em 373 lotes, e o tamanho desses varia entre 25 e 51 ha, havendo predomínio daqueles com tamanho entre 25 e 30 hectares. No conjunto dos 373 lotes, em 230 deles há pessoas residindo, e em 143 lotes não mais existem moradores. Do total de lotes com residentes (230) 128 estão ocupados por pessoas de 60 anos ou mais, e em 85 deles apenas os velhos se encontram administrando as unidades de produção, mantendo e transformando o espaço.

A permanência dos velhos na gestão dos lotes aponta para o sentido da morada da vida, o que é analisado por Heredia (1979), que subsidia nossas análises na compreensão da organização da estrutura do assentamento Colônia Conceição. Salientamos que ao adotarmos o termo “velhos” para nos referirmos às pessoas com 60 anos ou mais, estamos utilizando uma nomeação dada por eles mesmos no assentamento. Trata-se de uma referência que os agrada, uma vez que evidencia a conquista de chegarem à etapa da velhice, vencendo as agruras ao longo da vida. Além disso, essa é uma das definições previstas no Estatuto do Idoso, sancionado pela Lei 10.741/2003, que assegura a garantia dos direitos das pessoas na velhice, que se inicia aos 60 anos².

¹ No ano de 1985, foi instituído o I Plano Nacional de Reforma Agrária, após acirrada disputa política. Tendo os movimentos sociais rurais como percussores, ocorreu a publicação do I PRNRA, viabilizando a desapropriação de áreas no Brasil, destinadas à formação de assentamentos rurais. Em Mato Grosso do Sul, conforme dados apresentados por Freitas (2020), até o ano de 2020, havia sido criado 203 assentamentos, atendendo a 31.876 famílias.

² As pessoas de 60 anos ou mais constituem um grupo populacional conhecido na sociedade brasileira (e mesmo mundial), por diferentes denominações: terceira idade, melhor idade, idosos, velhos, dentre outras.



Adotamos como referencial teórico o sentido da morada da vida nos lotes do assentamento pelo fato de se manifestar na fala dos assentados e na prática de organização dos lotes, especialmente, naqueles sob a gestão dos velhos. Esse sentido indica um conjunto de elementos que se entrelaçam, manifestados nos elos apontados por Heredia, a saber: no pertencimento à terra, nas relações de interação entre as pessoas, no envolvimento com o fazer do processo de plantio e tratos culturais e, sobretudo, nas dimensões da vida no lugar. Dessa forma, a morada da vida consiste num aporte que, segundo Heredia (1979, p. 115), “[...] define o pequeno produtor como tal é o trabalho efetuado na terra e, em consequência, a perda da mesma implicaria no seu desaparecimento como categoria social”.

Esse conjunto de elementos, que constitui a morada da vida, será apresentado ao longo do texto, o qual, para melhor organização das reflexões, está dividido em duas partes: na primeira, evidenciaremos um breve histórico da formação do assentamento, apresentando as pessoas que o constituem; na segunda parte, discutiremos os elementos criados ao longo dos anos, tornando o assentamento o lugar de viver a velhice, numa morada da vida.

Essa reflexão nos mostrará o modo como as famílias se relacionam na Colônia Conceição, como transformam o espaço, formando a morada da vida, num elo que mantém as pessoas nos lotes do assentamento, o que se apresenta como resistências para a garantia e a defesa do projeto inicial, que as levou até a Colônia, quando reivindicavam o direito à vida e à produção, na contínua luta pela permanência na terra.

APONTAMENTOS DA HISTÓRIA DO ASSENTAMENTO COLÔNIA CONCEIÇÃO

O assentamento Colônia Conceição, instalado no município de Nioaque no ano de 1985, está localizado às margens da BR 419, trecho que liga os municípios de Nioaque e Anastácio, numa distância de 30 quilômetros da sede do município e 60 do vizinho,



Anastácio. Naquele município, existem atualmente nove assentamentos³, desses, oito foram implantados pelo Governo Federal e um pelo Governo Estadual.

É importante destacar que Nioaque é um município criado no ano de 1848 e ocupa uma área de 3.923,790 km², localizada na entrada do Pantanal sul-mato-grossense, área considerada como santuário ecológico pela fauna e flora nela presente. Tem sua economia voltada à criação de gado de corte e possui uma população de 14.391 habitantes, dos quais 7.057 residem na área urbana e 7.334 na área rural (Prefeitura Municipal/2018). Como podemos notar, a criação de assentamentos no município contribuiu para o equilíbrio populacional entre a população urbana e a rural.

Os assentados da Colônia Conceição, antes de lá serem instalados, passaram pela condição de posseiros em terras indígenas no município de Porto Murtinho, durante os anos de 1972 a 1985, momento em que viveram provisoriamente no distrito de Campão, atual município de Bodoquena, próximo a Nioaque. Na época, naquele lugar, a presença de posseiros e indígenas suscitou estranhamento e fez emergir disputa de território pela posse da terra, reivindicada pelos indígenas. Os confrontos mais acirrados ocorreram na primeira metade da década de 1980, o que levou o Estado a atuar sobre o conflito. Como mediadora e apoiadora, esteve também na cena a Comissão Pastoral da Terra (CPT), até que os posseiros fossem transferidos para o atual assentamento Colônia Conceição, no município de Nioaque.

Para a desapropriação da área da antiga fazenda, efetivada pelo INCRA, participaram também representantes informais dos posseiros, além da CPT, como agentes, sobretudo, religiosos, dentre eles padres e freiras. Eles auxiliaram até a divisão da área em pequenos lotes. Para a distribuição dos lotes, o INCRA realizou diversos sorteios, em etapas

³ Cabe destacar que no município de Nioaque foram criados outros oito assentamentos, sendo eles: assentamento Padroeira do Brasil, com uma área de 2.500,0000ha, dividido em 243 lotes, fundado no ano de 1984. Colônia Nova, com uma área de 1.314,1489ha, dividida em 88 lotes, criado no ano dia 03/12/1987. Assentamento Andalucia, com uma área de 4.946,1088ha, dividido em 166 lotes, criado no dia 24/09/1996. Assentamento Santa Guilhermina, com uma área de 7.994,7290ha, dividido em 224 lotes, criado no dia 12/22/1997. Assentamento Palmeiras, com uma área de 4.172,7154ha, dividido em 113 lotes, criado no dia 23/03/1998. Assentamento Boa Esperança, com uma área de 3.945,5065km², dividido em 126 lotes, criado no dia 23/12/1998. Assentamento Uirapuru, com uma área de 7.067,8847ha, dividido em 290 lotes, criado no dia 23/12/1998. Assentamento Areias, com uma área de 1.600ha, dividido em 81 lotes, criado no dia 13/10/2008. (INCRA, 2015).



distintas, instalando famílias aos poucos, conforme elas iam sendo transferidas da área do conflito para a área do assentamento. Com esse modelo de organização do assentamento, não houve acampamento, sendo as famílias diretamente transferidas da área indígena, dos municípios de Bodoquena e Porto Murtinho, para a Colônia Conceição, no município de Nioaque.

A fazenda desapropriada para a criação do assentamento estava registrada com o nome de Conceição, denominação mantida pelas famílias. No entanto, nos documentos emitidos pelo INCRA, nos títulos dos lotes dos assentados, consta outra denominação, a de Projeto de Assentamento Nioaque. Contudo, na prática diária, os assentados mantiveram o nome Colônia Conceição, facilitando o reconhecimento em termos de localização municipal, visto que era a maneira como a população local denominava. Dessa forma, mantivemos essa nomenclatura em nosso estudo.

Para além da manutenção do nome da fazenda, são inegáveis as mudanças processadas com a divisão da antiga fazenda e a criação do assentamento, porque de um latifúndio, que pertencia a uma única pessoa, foram formados 373 pequenos lotes, neles assentando o mesmo número de famílias. No entanto, se somarmos as pessoas, considerando o número de membros de cada família, mesmo com a redução de residentes em partes dos lotes, ainda assim, no ano de 2020, obteremos mais de 1000 pessoas na área, número que anteriormente contabilizava quantidade de cabeças de animais. Essa, por si só, já é uma grande mudança.

As famílias, ao serem assentadas, passaram a imprimir múltiplas dinâmicas internas especialmente no que se refere à produção de alimentos diversos, bem como em mudanças externas, no contexto urbano do município, onde comercializam produtos e adquirem o que necessitam. O destaque maior nas relações de comércio da Colônia está na criação e comercialização de bovinos, pois o gado figura como a atividade principal no assentamento, um aspecto que remete ao modelo da fazenda desapropriada, pois mantinha o rebanho em áreas de pastagens, visto que os solos apresentam características inadequadas para o desenvolvimento do cultivo de produtos agrícolas variados. Quando as famílias lá chegaram, os pastos estavam prontos, direcionando-as para a manutenção da atividade e que melhor respondeu à produção, a pecuária.



Salientamos que a criação de gado nos pequenos lotes difere do modelo anterior (da fazenda), pois, embora seja a mesma atividade, o manejo foi reorganizado, passando os assentados a combinarem a pecuária de corte com a pecuária leiteira, associando áreas de plantio de alimentos, como feijão, mandioca, frutíferas, entre outras, numa nova configuração da produção no assentamento. É a recombinação do velho na nova dinâmica, nem sempre um modelo desejado pelas famílias, mas o possível na dinâmica local, tanto em termos de potencial do solo, como de condições locais e nas próprias habilidades dos assentados, voltadas à pecuária.

Quanto ao total da área da Colônia Conceição, essa é dividida em cinco linhas/estradas que passam em frente aos lotes dos assentados, as quais demarcam as subdivisões do assentamento. As linhas possuem denominações de elementos locais, na distribuição dos lotes, sendo elas: Linha da Jaguatirica, com 117 lotes; Linha do Taquarussu, com 102 lotes; Linha do Mané, com 72 lotes; Linha Dona Ilza, com 64 lotes, e a Linha Sede, com 18 lotes.

Para a organização coletiva do assentamento, as famílias criaram duas associações. A primeira é a Associação da Agrovila da Colônia Conceição (AACC), com 80 sócios, e a segunda a Associação Cultural Esportiva e de Produção Agrícola dos Assentamentos de Nioaque (MSABCD), com 21 sócios. Há, ainda, escola, posto de saúde, igrejas e, também, uma agrovila, como apresentaremos a seguir. Conta com transporte coletivo para a cidade de Nioaque, realizado uma vez no dia e em três dias da semana: segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira. Para o deslocamento, tanto interno como externo, a maioria das famílias possuem automóvel próprio, o que facilita ir e vir para visitas ou para proverem suas necessidades, bem como acessar serviços em geral.

ESPAÇOS COMPARTILHADOS NO SISTEMA EDUCACIONAL E NOS SERVIÇOS

Na Colônia, existe uma escola municipal que atende do primeiro ao nono ano do ensino fundamental, denominada Noé Nogueira Polo, a qual possui uma extensão no assentamento Boa Esperança. No entanto, essa extensão atende apenas aos alunos dos anos



iniciais da educação básica, ou seja, as crianças do primeiro ao quinto ano que residem naquele assentamento. Já a escola Polo, atende a educandos da Colônia e dos assentamentos Boa Esperança e Andalucia.

A escola funciona em dois períodos, matutino e vespertino, e seu prédio conta com seis salas de aulas, biblioteca, secretaria, sala de professores e de coordenador, sala de tecnologia, cantina, cozinha, refeitórios e sanitários. Para atender aos 223 alunos, até o ano de 2020, a escola possuía 35 funcionários, destes 14 administrativos e 21 professores, a maioria residentes na Colônia Conceição e nos assentamentos vizinhos. Dentre os professores, 12 deles residem na Colônia Conceição, quatro no assentamento Boa Esperança, dois na Colônia Padroeira do Brasil, outros dois no assentamento Andalucia e um no assentamento Areias.

Os educandos, após concluírem o ensino fundamental, são transferidos para a Escola Estadual Padroeira do Brasil, localizada no assentamento de mesmo nome, a qual se encontra a 10 km de distância do primeiro acesso da Colônia Conceição. Na Escola Estadual Padroeira do Brasil, em 2019, estavam regularmente matriculados 23 alunos no 1º ano, 19 no segundo e 17 no terceiro ano, totalizando 59 alunos no ensino médio, e dentre estes 24 são moradores da Colônia Conceição. Observamos que o número de alunos no ensino médio aponta para o envelhecimento populacional, incidindo diretamente na quantidade de pessoas em idade escolar.

Ainda em relação à infraestrutura do assentamento, no interior da Colônia existe uma agrovila planejada pelo INCRA durante a implantação do assentamento, com o objetivo de concentrar a população de assentados em um núcleo urbano. Por meio do sistema de agrovila, o Estado poderia construir escolas, posto de saúde e, ainda, distribuir água e energia apenas na agrovila, meta para a redução de custos. Porém, segundo os assentados, após cinco anos de efetivação do projeto de assentamento, essa agrovila foi loteada entre os assentados, mas diante das distâncias entre a agrovila e os lotes onde ocorre a produção, nenhum assentado construiu nela.

Esse fato nos leva a dialogar com Menegat (2008, p. 231), ao apresentar o campo de sua pesquisa, o assentamento Taquaral, quando diz que “[...] observamos, então, que o abandono do projeto das agrovilas ocorreu em virtude de ele não ser o projeto vislumbrado



pela maioria das famílias e sim o projeto do Estado”. O fato de separar o lugar da morada daquele do trabalho descola o assentado da lida diária com o campo e os animais. Segundo Menegat (2008, p. 231):

As agrovilas efetuariam a separação entre público-privado, que é típica do meio urbano, onde o trabalho assalariado, fora de casa, leva separação entre as duas jornadas. No meio rural, essa separação é artificial, pois o espaço e o modo de vida tendem a ser construídos de forma a conjugar o trabalho produtivo e o reprodutivo. [...] nas agrovilas, impostas pelo Estado, um rompimento com seu projeto de vida e é nesse rompimento que está à raiz da recusa, uma vez que elas procuraram estabelecer em um único lugar uma espécie de junção entre tempo de trabalho e tempo de vida, sendo o tempo e o espaço da produção e da reprodução contínuos.

Contudo, com o passar dos anos, alguns assentados, que tinham lotes próximos à referida área, decidiram residir nela. Somaram-se a eles os primeiros donos de vendas, pequenos comerciantes e, posteriormente, outras famílias foram se instalando no povoado. Estas últimas ocuparam os terrenos que se encontravam vazios, formando uma pequena vila de moradores envolvidos com o comércio local. A Agrovila está disposta da seguinte maneira: seis ruas que dão acesso a mais de uma centena de casas, destas muitas se encontram vazias, umas estão em bom ou ótimo estado, mas a maioria é constituída de pequenas construções ainda inacabadas.

A população que ocupa a área da Agrovila é constituída por aposentados e seus filhos, que constituíram suas próprias famílias e saíram dos lotes dos pais. Há, ainda, pessoas que não possuem lotes no assentamento e encontraram na Agrovila um lugar para se organizarem. As pessoas que lá residem precisam de uma fonte de renda monetária para sustento e a saída encontrada está no trabalho sazonal de “empreitas” e/ou diárias nas fazendas e nos lotes do assentamento.

Na agrovila, existem estabelecimentos comerciais, tais como: mercado, mercearia, bares, agropecuária, oficina de moto, loja de materiais de construção, que abastecem a população da Agrovila, dos lotes da Colônia e, também, dos assentamentos do entorno. Há, ainda, Igrejas, somando 14 delas no todo do assentamento, sendo cinco católicas e nove evangélicas (de várias denominações). Destas, na agrovila, são quatro, uma igreja católica e três evangélicas.



O assentamento conta também com atendimento de saúde, que acontece na unidade de saúde pública, uma edificação localizada na antiga casa sede da Colônia e que está organizada em nove salas, sendo: consultório médico, consultório de enfermagem, sala de vacina, sala de procedimentos, sala de recepção, consultório de dentista, sala de acolhimento e triagem, sala de reunião, almoxarifado, cozinha e sanitários masculinos e femininos. “O posto de saúde atende a 773 famílias de 768 domicílios, destas 353 pessoas são hipertensas e 102 são diabéticas, totalizando o número de 2004 pessoas no raio de atendimento dessa unidade básica de saúde” (Prefeitura Municipal de Nioaque, Secretaria de Saúde, 2018).

Para atender à demanda da Colônia e assentamentos vizinhos, 12 agentes de saúde acompanham o dia a dia dos moradores. Destes, cinco atuam somente dentro da Colônia Conceição. Somado aos agentes de saúde comunitários, existe uma equipe de nove funcionários na unidade de saúde, dentre eles: médico, dentista, enfermeira, técnico em enfermagem, além de outros funcionários encarregados do auxílio aos profissionais e manutenção do posto de saúde. Os cinco agentes que atendem à população da Colônia Conceição, mais dois funcionários, uma atendente e uma auxiliar de dentistas trabalham e moram na Colônia. Vale salientar que todos os agentes de saúde obrigatoriamente devem residir na Colônia ou no assentamento onde prestam serviço. A existência da unidade básica de saúde na Colônia Conceição traz a assistência próxima ao assentado, que não precisa se deslocar para a cidade a fim de realizar consultas de rotina, indispensáveis devido ao envelhecimento da população local. O atendimento ao público ocorre dentro da unidade nos dias de segunda-feira, quarta-feira e quinta-feira. O atendimento diário é de 12 pacientes com agendamento, mais duas emergências, totalizando 14 consultas/dia e 42 atendimentos nos três dias da semana.

Nas terças-feiras e sextas-feiras, outras duas modalidades de atendimentos são postas em prática. As terças-feiras estão reservadas para o atendimento aos hipertensos, sendo esse atendimento itinerante, pois o médico e sua equipe se deslocam para o interior do assentamento a fim de realizar atendimento mais próximo, nas moradias dos demandantes dessas consultas. Identificamos seis lugares de atendimento, próximos aos lotes dos moradores, destes: quatro lugares de atendimentos em pontos específicos nos assentamentos



localizados no entorno da Colônia Conceição; dois pontos na Colônia Conceição, sendo um no Centro Comunitário da Dona Aurea e outro na linha Taquarussu, esse último ocorre na residência de uma assentada em decorrência da falta de um lugar público próximo. Por último, a sexta-feira é destinada ao atendimento em domicílio. Nesse dia, o médico percorre as casas das pessoas mais velhas do assentamento para, assim, verificar como os pacientes vivem em suas moradias, bem como as condições de locomoção, alimentação e outros aspectos importantes para os velhos que possuem alguma debilidade. Sobre o atendimento à saúde pública na Colônia Conceição, o senhor do lote 89 descreve da seguinte maneira:

A gente vai ali no posto da sede, tem que passar por lá. Eles encaminham para fazer exames. Eu mesmo estive doente e o médico do posto mandou ir fazer exames, depois tem que voltar no posto pro médico ver. Ali no centro comunitário a gente vai medir a pressão uma vez por mês. (Assentado na colônia, linha do Mané, 63 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2018).

Quanto ao atendimento odontológico, é oferecido em cinco dias da semana, sendo seis pessoas atendidas em cada dia. Destes, cinco pacientes são agendados com antecedência e um reservado para emergência. No atendimento, são realizadas restaurações, extrações simples, raspagens, suturas e outros serviços, exceto os tratamentos de canal do dente e de introdução de próteses.

OS LOTES COMO LUGARES DA VIDA

Nos 230 lotes que contam com pessoas neles residindo e produzindo, como evidenciamos na introdução do texto, em 128 deles, encontramos pessoas de 60 anos ou mais, e destes, em 85 lotes, temos a presença somente de velhos. Em outros 43 lotes, há velhos em parceria com parentes mais jovens. Outros 102 lotes são ocupados por pessoas com menos de 60 anos de idade, sendo 19 destes de herdeiros, os quais são compradores e/ou pessoas que residem na Colônia desde o início do assentamento. Além dos lotes com moradores, existem outros 143 lotes sem pessoas, sendo 19 deles ainda de posse de velhos que já não residem nos lotes. Neles, ocorre criação de gado, tendo sido parte deles comprada por assentados, que ampliaram sua área inicial, outra parte pertence àqueles que, por algum motivo, dentre eles pela morte do titular e seus herdeiros residirem fora do assentamento



e/ou saída dos titulares devido à velhice e os herdeiros não assumirem, direcionaram o lote ao arrendamento dos pastos ou comercialização.

É curioso observar que na soma total dos lotes do assentamento Colônia Conceição, mais da metade dos moradores possuem 60 anos ou mais, o que totaliza 128 deles, com gestão de pessoas com menos de 60 anos. No total dos 128 lotes com velhos, em 85 deles, os velhos moram sozinhos, sem contarem com a ajuda dos filhos por perto. Por isso, o estar só ou sós se configura num desafio para a continuidade na atual organização da área.

Atualmente, é possível encontrar diversos assentados que possuem áreas ampliadas em virtude da compra de novas áreas das pessoas que foram saindo do assentamento e, assim, conseguiram melhores condições para viabilizar a atividade pecuária. A formação dessas áreas ampliadas na dinâmica da organização de assentamento rural parece contraditória, se considerados os referenciais assegurados no Plano Nacional de Reforma Agrária, que dispõem sobre o modelo de assentamento organizado com pequenos lotes destinados à produção de alimentos, primeiro para a reprodução/sobrevivência familiar, depois para a venda do excedente.

No entanto, se analisada sob as condições locais do assentamento Colônia Conceição, é possível encontrar outros elementos que até validam a nova reorganização. Ou seja, na atividade com a pecuária, a ampliação resolve o problema produzido pelo INCRA, pois na desapropriação para formação do assentamento, já sabia das fragilidades em relação à fertilidade do solo e até da aptidão das pessoas que assentou com prática na pecuária. Por esse motivo, deveria ter planejado lotes com tamanho maior, tendo como referencial essa atividade.

A pecuária é uma atividade viável na produção dos pequenos e em qualquer lugar do Brasil, sobretudo, quando vem combinada com a produção de leite. No caso da Colônia Conceição, dada às condições do lugar, mostrou-se a mais recomendada. O INCRA não deveria ter se guiado pela meta de assentar maior quantidade de pessoas para resolver a



situação de exclusão social, porque isso posteriormente gerou expulsão social, como indicado por Menegat (2009).⁴

Em relação às famílias da Colônia Conceição, nos primeiros anos de assentamento, eram compostas por um número maior de membros, mas com o passar dos anos, os filhos foram crescendo, constituindo novas famílias e saindo do assentamento, seja para trabalharem nas cidades seja para assumirem seus próprios lotes. Os pais ficaram e, ainda, lá estão, na labuta diária dos trabalhos com o lote, fazendo com que o assentamento atualmente tenha na gestão dos lotes, em sua maioria, a dinâmica de pessoas mais velhas.

A realidade da Colônia Conceição nos leva a relacioná-la a outros assentamentos, onde ocorre uma conjuntura social de mobilidade, decorrente dos processos de industrialização e urbanização, como descreve Scalon (1999). Esses processos impulsionam os jovens a se deslocarem para os centros urbanos, principalmente, pela carência de políticas públicas de incentivo à permanência no campo. Com isso, há uma redução da mão de obra familiar nas unidades de produção do assentamento, bem como na sucessão da gestão dos lotes.

Na Colônia Conceição, no contexto atual, o número de membros familiares reduziu, e dificilmente se verifica famílias com dois filhos ou mais dentro do lote, salvo naqueles lotes onde os donos estão abaixo dos 59 anos. Assim, vem ocorrendo o processo de envelhecimento da população, aliado ao vazio demográfico resultado da saída dos antigos moradores de lotes, que passaram a ser destinados para a criação de gado, em muitos deles sem manutenção do local das moradias.

Os lotes do assentamento contam com uma maioria de moradores velhos/as, que insistem em se manterem no lugar, imprimindo dinâmicas na produção, vivendo do que retiram dos lotes, mesmo contando com o recurso que recebem do Governo Federal por meio

⁴ A pesquisa de Menegat (2009), no Taquaral, assentamento no município de Corumbá, concluiu que o INCRA, ao assentar pessoas descapitalizadas em terras inapropriadas para o cultivo de produtos agrícolas, as quais não detinham poder econômico para melhoria do potencial do solo, acabou por não efetivar a inclusão social e produtiva no Taquaral. Assentar somente não resolve, apenas visa a cumprir protocolo de que o Estado fez a parte dele: assentou famílias. Não considerar os critérios adequados para assentamento lançou-as à sua própria sorte. Por isso, a expulsão da qual nos fala a autora, a qual é resultado da migração das famílias que não encontraram estratégias para viabilizarem a permanência nos lotes, ocasionando a reconfiguração da área por aquelas que dispõem de melhores condições para permanecer.



do direito à aposentadoria⁵. Dessa forma, a combinação entre a aposentadoria e o rendimento do trabalho no lote traz condições favoráveis financeiramente, produzindo certa tranquilidade no viver a velhice na Colônia, porque acumulam o que retiram com a comercialização de produtos com o valor monetário que recebem com a aposentadoria.

O fato de cada assentado possuir sob seu domínio a titularidade jurídica, a documentação legal de cada lote, oferece-lhe autonomia perante o INCRA para comercializarem lotes quando desejarem, fazendo com que os assentados que por motivos diversos não conseguiam lá se manterem, vendessem seus lotes. Diante desse fato, existem assentados que residem na Colônia desde 1985, momento da criação do assentamento, mas há também outros que chegaram posteriormente, que foram adquirindo lotes por meio da compra.

Nesse vai e vem, é possível encontrar lotes vazios de pessoas, sendo apenas explorados economicamente com a pecuária. Isso ocorre especialmente com aqueles que foram sendo comprados por um único assentado, que reuniu áreas de diversos lotes, e efetivou a infraestrutura habitacional em apenas um deles. Há outros lotes usados como sítios de lazer, utilizados apenas em finais de semana e feriados. Em outros, moradores adotam certa sazonalidade, parte dos meses moram na Colônia, outra parte na cidade. Assim, em relação ao quantitativo de pessoas acima dos 60 anos de idade, que moram e são atendidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e pelo Programa de Hipertensão do município, encontramos 200 pessoas velhas.

AS RESIDÊNCIAS DAS FAMÍLIAS ASSENTADAS

Em relação às residências das pessoas assentadas, notamos que todas as edificações contam com energia elétrica. Quanto ao estado de conservação, observamos a seguinte situação: em 78 lotes, as casas estão em ótimo estado de conservação. Algumas foram construídas recentemente, a menos de cinco anos; outras, embora antigas, passaram

⁵ A aposentadoria rural é um direito da população que reside no campo. O homem tem direito aos 60 anos de idade, e as mulheres aos 55 anos de idade, ambos após comprovarem que moram na área rural há pelo menos 15 anos.



por reformas, como pintura e ampliação. Assim, a casa, para o assentado, parece com “a morada da vida”, descrita por Heredia (1979), lugar onde a família se abriga, alimenta-se, repousa, em um espaço simples, porém carregado do cuidado com as plantas, por exemplo. Em todas elas, a porta de acesso encontra-se na parte da frente e nesse sentido tem-se a combinação indicada por Heredia (1979, p. 90): “A sala é o ambiente que comunica o interior com o exterior e por isso é o lugar menos privado da casa. Por outro lado, dentro da casa, a sala é também o espaço do pai de família; nela, ou os vizinhos e parentes para conversar”. Já a cozinha, assemelha-se ao que descreve Heredia (1979, p. 90):

A cozinha, situada no extremo oposto da habitação, é o lugar específico da mãe de família. É onde se preparam os alimentos e, em consequência, a mulher permanece ali a maior parte do dia. Ao contrário do que acontece com a sala, as pessoas estranhas não têm acesso à cozinha, pois só entram na casa pela cozinha as mulheres vizinhas e parentes.

O entorno das casas faz eco às descrições de Heredia (1979, p. 38), quando afirma que o “[...] setor exterior imediato a essa porta de acesso ajuda a definir a frente da casa, já que nela se encontram concentrada a maioria das árvores frutíferas que cercam a moradia”. Existem projetos para melhoria das residências, como o caso do colono do lote 89, que pretende realizar reformas, as quais são descritas assim:

Já estamos velhos essa casa aqui está boa, pretendo apenas erguer essa varanda, ela está muito baixa. Quero também cobrir o poço, proteger, fazer uma varanda em cima dele. Da até para alguém dormir lá, sabe é aqui tem muita gente, a família está crescendo igual à família do seu Joaquim (Assentado na Colônia, linha do Mané, 63 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2018).

Quando o assentado afirma: “aqui tem muita gente”, ele está se referindo à quantidade de filhos e netos que frequentam a sua casa. Contudo, isso ocorre apenas em finais de semanas e feriados, pois estes parentes moram em outros municípios, sendo, assim, visitam os pais com regularidade. Nas residências, são identificadas reformas periódicas, com raras ampliações, mas a contento, de acordo com as vivências dos assentados. Nesse levantamento, encontramos habitações que estão mal conservadas, grande parte em lotes comprados para o único fim, a da criação de gado. Neles não existem moradores residindo. Nesse cenário, também encontramos residências com estado de conservação ruim, ocupadas por famílias que não possuem condições financeiras favoráveis para realizar manutenção e



isso reflete no cuidado com a edificação. Existem, ainda, lotes que contam com mais de uma moradia. A casa principal é ampla e bem conservada, já a segunda casa é destinada a receber agregados e aparenta aspecto mais simples e o tamanho é menor. No que se refere ao entorno das casas, num primeiro olhar, notamos a presença de pomares na maioria dos lotes, rodeados por frutíferas, com destaque para a manga e os cítricos em geral. Entretanto, somente os pomares mais adensados e amplos estão de acordo ao que diz Primavesi (2016, p. 168): “Em pomares e cafezais é importante manter o solo, nas entrelinhas, sempre coberto por vegetação ou restos vegetais”. Somado a ações ligadas, “a diversificação da vida do solo ocorre pelo uso de espécies diferentes de plantas, bem como pelo seu uso de variedades diferentes da mesma espécie, em que uma é capaz de explorar o espaço radicular da outra, sem conflitos” (PRIMAVESI, 2016, p. 86).

É compreensível a ausência de vegetação ou resto de tratos culturais nos pomares próximos às casas da Colônia, contrariando o que indica Primavesi (2016), visto que lá os pomares foram implantados pensando na sombra para a família. Assim, a limpeza permanente do solo é vista como cuidado necessário para ter um espaço acolhedor, onde a família possa desfrutar do quintal, livre de animais como serpentes, escorpiões, entre outros. O arranjo dos pomares nos lotes sugere a garantia de uma junção entre fonte de alimento e sombras para amenizar as altas temperaturas do lugar. Vejamos algumas imagens:



Figura 01: Fotos 01 e 02: Casas e seus entornos

Fonte: Registro da pesquisa de campo, no ano de 2019.



Os pomares servem também de proteção contra as intempéries climáticas, especialmente contra a força dos ventos, bem presentes na região em determinadas épocas do ano. Vejamos o que o assentado do lote 89 relata sobre as plantas que compõem o entorno da casa.

Nós gostamos de ter um lugar gostoso, cheio de sombra, mas a gente se preocupa é com o vento, aqui venta muito. Eu ainda estou plantando umas ali no meio dos pés de manga. Também adoro flores, folhagens, eu gosto de ter minhas plantas aqui. (Assentado na Colônia, linha do Mané, 63 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2018).

Ademais, outros assentados entrevistados destacaram que a introdução de plantas no entorno das residências deve-se também a fatores, como sombra para minimizar o calor, proteção para controlar a força dos ventos e alimentação, pois as árvores frutíferas são utilizadas na alimentação.

Assim, observamos em cada planta cultivada uma ou mais funções na composição do arranjo do entorno das casas. Como aponta Harwood (1986), as plantas nos quintais, além de serem fontes de alimento, fornecem sombras, protegem as casas contra ventos fortes e, ainda, agregam valor estético ao arranjo paisagístico convertido em um espaço acolhedor e agradável para a família.

Compondo o cenário das plantas, é comum encontrar mesas, cadeiras e bancos, distribuídos embaixo das árvores mais frondosas, principalmente das mangueiras, lugar onde assam o churrasco nos finais de semana e em datas comemorativas, tornando o quintal uma extensão da própria casa, como indicado por Heredia (1979, p. 38):

Há um cuidado especial em manter esse terreiro limpo, varrendo-o com maior frequência que ao resto porque este é o espaço “público” da casa. É nesse terreiro da frente da casa que os homens da família se reúnem quando regressam das tarefas agrícolas, e nas épocas de calor, descansam à sombra das árvores durante os intervalos do trabalho diário. O terreiro na frente também serve de local de reunião com os vizinhos quando estes vêm a casa para conversar.

O quintal é também o lugar onde os membros da família tomam o tereré (bebida típica de Mato Grosso do Sul à base de erva-mate), assim como tem a função de espaço para receber visitas, sejam aquelas que chegam da vizinhança, ou mesmo as pessoas de fora do assentamento que, ao chegarem às casas, direcionam-se primeiro para a sombra das árvores,



ao invés de adentrarem no interior das casas. Nesse formato, as sombras das árvores, como vemos nas fotos 3 e 4, são encontrados bancos de madeira, assumem sentido de sala de estar e de sofá onde é possível o relaxamento. Vejamos algumas imagens:



Figura 02: Fotos 03 e 04: Casas e seus entornos

Fonte: Registro da pesquisa de campo, no ano de 2019.

A sala de estar, conforme Heredia (1979), é o cômodo mais importante de uma casa, porque é por ela que as pessoas de fora são acolhidas. No caso do assentamento, como se observa nas imagens acima, essa acolhida normalmente acontece no pomar, lugar onde os visitantes vão chegando e se acomodando nos bancos de madeira rústica, sob a sombra das árvores, sendo comum permanecerem apenas nesse espaço durante todo o tempo da visita, sem adentrarem a casa.

É debaixo das árvores que conversam, bebem café, comem algum alimento que é oferecido, reúnem-se para troca de ideias. Por isso, é comum encontrar mesas debaixo das árvores e, assim, sob a sombra do pomar os/assentados/as da Colônia trabalham, descansam, confraternizam e se alimentam.

Os pequenos espaços entre as plantas formam uma barreira contra os ventos. Por isso, quando necessitam retirar um pé de frutífera, os/assentados/as da Colônia têm a preocupação de introduzir outra, seja no mesmo espaço seja em um lugar próximo, recompondo o paisagismo frutífero do lote.



O fato de parte significativa dos assentados se encontrarem na velhice faz dessa prática ainda mais presente no fazer diário, visto que possuem muitos anos com trabalhos na terra, dependendo do alimento que produzem. Nessa lógica, as árvores frutíferas evidenciam o enraizamento das pessoas no lugar, porque para que ocorra a frutificação, após o plantio das mudas e/ou sementes, são necessários muitos anos, esperando até que as plantas se desenvolvam e frutifiquem.

Nesse sentido, a formação de um pomar evidencia intenção de permanência no lugar, expressando orgulho em dizerem que foram eles que plantaram as sementes e/ou as mudas e agora colhem os frutos. Isso tem sentido de cuidado, de dedicação ao lugar, de recompensa pelo trabalho e, especialmente, de coragem e luta em construir a vida, mesmo diante das dificuldades. Ao receberem os visitantes na sala/ em formato de quintal/pomar, estão valorizando esses elementos, fortalecendo a ideia da morada da vida na Colônia Conceição.

Nas conversas debaixo das árvores, aparecem alguns aspectos curiosos, como aqueles que remetem aos motivos da formação do pomar, agora frondoso, nas histórias contadas aos visitantes sobre a origem das sementes, presenteadas/trazidas por conhecidos ou parentes, as quais hoje se constituíram em árvores. Com isso, imprimem outros sentidos às plantas, para além de se constituírem em variedades e/ou espécies, possuem histórias e trajetórias de procedência.

Em relação ao acesso e distribuição da rede de água na Colônia, é de irregular a satisfatória dada à geografia local, visto que a área está serpenteada por vários córregos que, em certa medida, margeiam uma porcentagem significativa dos lotes. O lençol freático é alcançado nas perfurações de poços de boca⁶, chegando até a água por volta dos 10 metros. Porém, essa profundidade varia de um lote para outro, ou mesmo na área de cada lote, dependendo da topografia do terreno. Em um único lote, pode-se encontrar água cavando apenas um metro de profundidade, especialmente, próximo dos córregos. Mas na parte conhecida como cabeceira dos lotes, a profundidade da perfuração dos poços, para alcançar

⁶ Poço de boca significa a perfuração no solo realizado manualmente, geralmente atinge o primeiro lençol freático. A profundidade varia de um ponto a outro do assentamento, dependendo da profundidade necessária para encontrar água no subsolo.



a água, pode chegar aos 45 metros. Tendo em vista as especificidades, em quase toda a Colônia, existem poços artesianos para sanar parte do problema de abastecimento de água.

O LUGAR DA MORADA E O ELO ENTRE A VIZINHANÇA

O lugar da morada, ou seja, a casa do assentado se completa com o lote, com o assentamento e com os vizinhos, pois os espaços se fundem entre o lugar do descanso, o lugar do lazer e o espaço de trabalho. O ambiente da família é também aquele para receber parentes, amigos, vizinhança e abriga também animais domésticos, que se complementam com os animais de grande porte, da criação de gado, sobretudo, de corte.

Toda a rede de vizinhança parece estar conectada com os assentados. Eles sempre descrevem a importância da amizade entre os vizinhos, retratando-os como “amigos”, com elos entre as pessoas, seja pela proximidade dos lotes, seja pela história de vida e superação desses assentados. Para o assentado de 65 anos, as possibilidades que se apresentam em viver no campo são os fatores primordiais para continuar vivendo na Colônia, dentre eles está o aspecto que versa sobre a sua mobilidade, ou seja, condições de ir e vir sem muito esforço. Ele retrata essa mobilidade através dos meios de transportes.

Lugar melhor do que esse aqui que a gente está vivendo! Toda cidade é perto, você sai daqui, em meia hora, uma hora você está na cidade. Para que você quer ir morar na cidade? Você tem que viver aqui, arrumar uma caminhonete e viver aqui, eu penso assim. Não precisa ir para cidade, lá você tem que comprar um limão, aqui você não precisa compra, tem que comprar uma banana, aqui você não precisa comprar, uma batata tem que comprar. Nós aqui têm tudo que ajuda: um ovo, você não precisa comprar um frango, você não precisa comprar. (Assentado na colônia, linha da Jaguatirica, 65 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

O assentado salienta a facilidade de transpor espaços, visto que num tempo de 30 minutos consegue se deslocar do campo até a cidade, o que está entre as vantagens de se viver na Colônia. Outra vantagem, segundo o assentado, está no “ter de tudo”: ovos, frangos, frutas e outros alimentos que dependem apenas da dedicação deles em cultivá-los, num espaço disponível, diferente da cidade, onde teria de comprar esses alimentos. Durante as entrevistas, os assentados velhos manifestaram satisfação e alegria em morarem no



assentamento Colônia Conceição, num pertencimento que se funde com tudo que já realizaram na transformação e manutenção dos seus lotes.

Eu vivo bem, nossa não tenho o que falar daqui eu ando por aí, eu já tenho falado para minha esposa. Se eu tivesse ficado lá em Minas Gerais, na época que eu estava lá ou vindo aqui para o Mato Grosso. Porque eu sou mais Mato-grossense do que mineiro, então gostei mais daqui que é um lugar que eu já morei mais. Já está com 34 anos que nós estamos aqui, então eu acho bom porque, amizade, graças a Deus eu tenho muita amizade, já cheguei na velhice, tenho minhas filhas, já tenho netos, bisnetos. Eu fico muito contente de viver aqui a pesar de que a gente não aguenta mais trabalhar como quando eu cheguei aqui. Mas dá para gente ir virando bem. A gente já tá veio para que trabalhar muito mais. (Assentado na colônia, linha do Mané, 71 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

A morada, para eles, é o espaço onde superam dificuldades e prosperaram. Ao olharem para trás e vislumbram que venceram uma condição de marginalidade, gozando, agora, de uma condição de privilégio em plena velhice. É a velhice que de alguma maneira contribui para a melhoria das condições econômicas, visto que contam com a aposentadoria. “A aposentadoria para mim é tudo, eu compro, dou para os filhos, se alguém precisa e colaboro. Eu comprei um terreno em Caarapó, comprei esse carro, pagando por mês. Esse dinheiro é uma benção de Deus” (Assentada na colônia, linha do Mané, 73 anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

Para a assentada, o dinheiro da aposentadoria é mais importante que o dinheiro do gado. Ela vende gado para pagar a limpeza do pasto, conhecida como roçada de pasto, momento que deve dispor de maior quantidade de recursos. Destaca que fez tratamentos de saúde que exigiram elevado recurso, utilizando da aposentadoria, somados com a venda de gado. Por fim, destaca: “Eu não tenho plano de ir embora, tudo que tenho aqui eu nunca vou tirar daqui... quando eu morrer eles (filhos) vêm ficar aqui durante o final de semana”.

Os velhos/as desaceleram e estão dando mais atenção às coisas simples da vida, como as amizades e, também, aos cuidados com a saúde. É nesse aspecto que a vizinhança mostra-se fundamental, porque, em caso de necessidade, conseguem, num primeiro momento, serem atendidos pelos mais próximos, os vizinhos, e na sequência pelos filhos, que não mais se encontram nos lotes, mas estão nas cidades próximas à Colônia. Por isso, o agradecimento em relação ao lugar, que lhes propiciou meios para formar filhos e atualmente lá viverem.



Eu ainda faço alguma coisa, trabalho um pouquinho fazendo uma cerca, mas eu sinto muito feliz, porque a gente alcançou essa idade 71 anos, então eu sou feliz, porque até aqui, eu nunca tive inimigo, sempre tive amigos, todo lugar que a gente vai às pessoas manifestam bondade com a gente, então eu sinto muita alegria, muito prazer, não tenho desprazer com filha, neta até aqui graças a Deus. Eu tinha vontade de minhas filhas ser tudo formadas, mas pra duas eu não consegui, mas tem duas formadas. Eu sinto bem se a gente está até aqui, eu não tenho desprazer, eu tenho é prazer, como se diz, eu tenho amizade. É um prazer, está vendo o movimento da minha família, dos amigos, eu trabalho, mesmo que a força é pouca, mas da pra fazer muita coisa inda. (Assentado na colônia, linha do Mané, 71 Anos de idade. Entrevista gravada no ano de 2019).

Mesmo vivendo a etapa da velhice, o assentado evidencia que ainda é possível continuar realizando algumas tarefas. Ele demonstra satisfação por ser uma pessoa amistosa, bem recebida em todos os lugares da Colônia, sendo sua maior alegria a família, um elo retratado por ele na figura de suas filhas.

A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS NA COLÔNIA CONCEIÇÃO

Nos lotes do assentamento, na extensão de toda a área, encontra-se a junção de várias atividades agropecuárias, sendo a atividade principal, como mencionamos anteriormente, a criação de gado, com destaque para a pecuária de corte e, em menor escala, para o gado leiteiro.

Nesse cenário direcionado à pecuária, quando se adentra a Colônia Conceição, verificamos um assentamento singular em diversos aspectos, pois praticamente toda a paisagem é coberta por pastagens, tendo as cercas como marcos que delimitam os limites dos lotes. Neles, um grande número de bovinos é visto nos piquetes de pastos e, assim, facilmente é percebido o quanto os rebanhos são considerados a maior fonte de renda proveniente da Colônia.

Facilitando o olhar do transeunte está a topografia da localidade, que permite visualizar longas distâncias ofuscadas, por vezes, pelas muitas árvores espalhadas nos lotes, formando, na visão horizontal, a falsa sensação de cobertura vegetal arbórea considerável, o que não se sustenta, se verificado mais de perto. As variedades das árvores possuem ramificação ampla, formando, em cada uma delas, espécies de grandes saias, ocupando



círculos, dando a falsa impressão de densa quantidade de árvores. Assim, quem transita pelas estradas de acesso aos lotes pode ver de longe o branco dos animais pastando, contrastando entre o verde do pasto e o das árvores, evidenciando o quão expressiva é a atividade agropecuária. Como o tamanho dos lotes tem média de 26 hectares, quando um assentado consegue adquirir mais de um lote dentro do assentamento, melhora as condições da atividade pecuária.

A pecuária de corte exige maior área para pastagens, bem como de área para plantio dos pastos destinados à silagem, alimento que garante a manutenção do rebanho no período de seca, quando ocorrem reduções significativas do volume das chuvas. Dessa forma, ter mais de um lote é uma estratégia de sobrevivência para a atividade produtiva, que vem sendo desenvolvida pelos assentados, garantindo os elementos necessários para seu melhor desenvolvimento.

A aquisição dos rebanhos foi iniciada com o fomento advindo da política de crédito do Governo Federal, por meio do extinto Programa de Crédito Especial para a Reforma Agrária (PROCERA), desenvolvido durante a última década do século XX, sendo substituído pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) na primeira década do século XXI.

Quanto aos lotes que estão envoltos à atividade da pecuária leiteira, observamos poucos deles com rebanhos desse porte, visto que os preços pagos pelo litro de leite não são atrativos para justificar a produção de leite, aliados a baixa aptidão dos animais, que são adquiridos pelos assentados, bem como o clima da região, com altas temperaturas, aspectos que inviabilizam a introdução de animais com características leiteiras. Mesmo diante dessas especificidades, os moradores destacaram a venda de leite como uma das saídas para poderem obter mais uma fonte de renda, que até alguns anos ocupava maior destaque, figurando nos dias de hoje como complemento de renda.

Identificamos assentados que abandonaram a atividade leiteira após se aposentarem. Isso indica dois cenários possíveis: um seria a garantia de uma fonte de renda monetária mensal através da aposentadoria; a segunda seria a falta de motivação para trabalharem com o gado leiteiro em plena velhice. Na pecuária de corte, não se faz necessário manejos constantes, ou seja, cuidados diários. Eles são contidos em momentos de vacinação



do rebanho, cura de umbigo dos recém-nascidos e tratamento de animal adulto. Os animais podem ficar dias e até semanas sem contenção, apenas sendo observados pelos donos, que avaliam quando e se é necessário reunir os animais para alguma intervenção em termos de sanidade. O cuidado maior está com a pastagem.

Na atividade leiteira, o trabalho aumenta, numa constante dedicação, entre produzir alimentos que favoreçam ao animal produzir o leite, no manejo com o gado, bem como nos esforços dedicados à ordenha do leite. Além disso, são muitos os cuidados para com o armazenamento e conservação do produto. O fato é que na chegada ao assentamento, os assentados, hoje velhos, podiam contar com ajuda dos filhos. Atualmente estes trilharam outros caminhos para fora do assentamento. Desse modo, o lote da família se encontra aos cuidados dos velhos e por essa razão, acreditamos que as atividades que estão sendo desenvolvidas na Colônia, bem como o comércio não são homogêneas, visto que segue uma dinâmica carregada de estratégias, forjadas na necessidade de cada família e na rede de comércio interno, o que permite a cada uma delas, em conformidade com suas especificidades, vender e/ou comprar animais para atenderem às suas necessidades específicas.

Na Colônia, pelas características e manejo dos solos, as quantidades de pastos não têm sido suficientes para o rebanho, fazendo com que os assentados tenham de lançar mão da prática do arrendamento de pastagens dos sítios vizinhos, dentro e fora da Colônia. Cabe destacarmos que no entorno da Colônia estão instalados outros quatro assentamentos e em determinadas ocasiões, quando da carência de pasto na área da Colônia, ocorre a procura por pastos para alugar nos assentamentos circunvizinhos. Assim, ao manter uma quantidade significativa de animais, desfruta-se de vida financeira boa, de acordo com os padrões das áreas de assentamento.

Nem todas as famílias detentoras de lotes na Colônia podem ainda contar com seus filhos vivendo nos lotes do assentamento, visto que, na dinâmica do mundo atual, os gostos e desejos que movem os sujeitos também incidem sobre os jovens assentados, que veem na cidade um novo horizonte. Quando a juventude sai do assentamento e os pais permanecem, estes precisam contratar mão de obra de outras famílias do assentamento e



mesmo de fora dele para, assim, viabilizarem as atividades, principalmente se os pais tiverem idade avançada, o que representa parte significativa das famílias do assentamento.

No entanto, a contratação de mão de obra também movimentava a vida daquelas famílias que não conseguem sucesso com a produção, e por isso é compreendida como alternativa que possibilita, de alguma forma, criarem mais uma fonte de receita na Colônia e no entorno, sendo um meio para aqueles que não conseguiram ainda estruturar o ciclo de produção em suas unidades produtivas (ou tiveram que refazer), valendo-se da prestação de serviço.

Na Colônia, do mesmo modo que existem assentados com vários lotes sob seu domínio e significativa quantidade de gado, existem outros com pouco ou nenhum rebanho. Por isso, alugam seus pastos por contratos extensos, com duração de anos ou meses. Essa modalidade de aluguel é comum entre os assentados, entendida como uma estratégia frente à necessidade de ambas as partes. Aliada à prática do arrendamento de pastos, especialmente nos períodos de relativa estiagem, outra saída encontrada pelas famílias para manterem os rebanhos é a compra de grandes volumes de milho triturado e em grãos, adquiridos nas fazendas da região. Isso promove um fato inusitado na região que é o fato de os assentados passarem a comprar a produção de fazendeiros, e em quantidade elevada e não o oposto, o que demonstra que o assentamento de reforma agrária produz, comercializa e adquire produção, movimentando todos os elos dessa cadeia e com diferentes sujeitos.

Na Colônia Conceição, parte significativa dos produtos consumidos na unidade rural é adquirida na cidade, o que se deve à baixa fertilidade do solo na região. Por meio dos resultados da pecuária, compram os alimentos que não produzem.

No entanto, mesmo diante das dificuldades em produzir na Colônia, é comum encontrar a banana e a mandioca em maior número, bem como o cultivo de cana-de-açúcar, cultivada como reserva de alimento para consumo do gado, durante o período da seca, entre os meses de junho a setembro, nos quais a pastagem fica escassa.

Enfim, no assentamento Colônia Conceição, ocorreram diversas mudanças em relação à estrutura durante os 34 anos de sua criação, promovidas pelas pessoas que lá foram assentadas, evidenciando que os assentamentos de reforma agrária não estão isentos das contradições sociais, especialmente, porque a reforma agrária nunca esteve na pauta central



do Estado. No entanto, o assentamento ainda vem cumprindo o papel de sua criação, visto que lá se mantêm diversos guardiões, que mesmo na fase da velhice insistem em manterem seus lotes, formando a morada da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No assentamento Colônia Conceição, ocorreu recomposição de sua estrutura de lotes e, também, familiar, com a saída dos jovens, levando à reorganização de projetos, de forma que atualmente a atividade principal está na pecuária leiteira e de corte, que supostamente não exige a mesma intensidade de esforços físicos que o cultivo agrícola requer como gradear, plantar, limpar, adubar, colher e armazenar. A pecuária tem menor número de etapas de dedicação e permite geração de renda mensal, mas exige também força física. Essa atividade, quando reunida a outros rendimentos, dentre eles a aposentadoria rural, compõe renda mensal que oportuniza um viver sossegado financeiramente, e associado à tranquilidade do lugar, promove um envelhecimento e uma vida com conforto.

As contradições que geraram reestruturação do lugar levaram para fora do lugar aquelas pessoas que não encontraram meios adequados para lá viverem, especialmente parte da juventude, que lá chegaram ainda criança e que poderia dar continuidade na sucessão dos lotes. Seriam os herdeiros quando do falecimento dos pais, mas quando isso aconteceu já se encontravam fora do lugar. Haviam construído suas vidas em outros espaços. Com isso, em parte dos lotes da Colônia, foi sendo rompido o elo com a terra de trabalho na concepção de patrimônio de família, o que promoveu comercialização de parte dos lotes e neles o esvaziamento de pessoas, direcionando-os para a pecuária.

No entanto, ainda encontramos guardiões que lá se encontram, os quais compõem diferentes faixas etárias, sendo 128 lotes com pessoas vivendo a etapa da velhice na gestão, parte significativa dela ainda atuantes no fazer produtivo dos lotes, vivenciando um cotidiano de trabalho, que exige esforço físico.

No assentamento Colônia Conceição, encontramos pessoas velhas, mas ativas, cheias de planos, criando estratégias para permanência em área de assentamento, mesmo



diante de limitações impostas pela faixa etária em que se encontram. Isso demonstra os muitos resultados decorrentes da instalação de assentamentos no município de Nioaque (e mesmo no Brasil), que não devem ser vistos apenas pelo viés do sucesso e insucesso econômico, em termos de produção, sendo necessário considerar outros elementos, dentre eles o viver com dignidade na fase da velhice.

Os resultados da pesquisa mostram que o assentamento Colônia Conceição constitui-se num lugar de direitos, como o da produção de alimentos, com olhar sobre o meio ambiente, a manutenção de referenciais culturais nutridos por determinados grupos sociais, a produção conforme as próprias necessidades das comunidades que o compõe, mesmo que nutram certo viés de mercado, e, especialmente, o direito à vida e do viver a velhice com sossego merecido. Isso tem sentido de recompensa pela labuta empreendida na trajetória das muitas andanças, até a chegada à morada da vida, no assentamento Colônia Conceição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso**. 1ª Ed, 2ª reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**, 2010.

HARWOOD. Richard R. **Desarrollo de la pequena finca**. San José, Costa Rica: IICA, 1986.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia. **A morada da vida: Trabalho familiar de pequenos produtores no Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

INCRA Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, **Planilha de quadro de P.A**, (INCRA/MS), 2015.

MENEGAT, Alzira. Salete. Mulheres assentadas e suas lutas. In: ALMEIDA, Rosemeire Aparecida, Org. **A questão agrária em Mato Grosso do Sul: uma visão multidisciplinar**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2008.

MENEGAT, Alzira. Salete. **No coração do Pantanal: assentados na lama e na areia: as contradições entre o projeto do estado e dos assentados no assentamento Taquaral-MS**. Dourados, MS: Ed.UEMS: Ed. UFGD, 2009.



MENEGAT, Alzira. Salete. FAISTING, André Luiz. Caminho e caminhanças da terra: pessoas assentadas em redes de saberes em parcerias para conquista de direitos. In: FAISTING, A. L; FARIAS, M. F. L, (Orgs) **Direitos Humanos, Diversidade e Movimentos Sociais: um diálogo necessário**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2011.

Prefeitura Municipal de Nioaque. Secretaria Municipal de Saúde. **Dados gerais sobre o atendimento à saúde básica via SUS**. Unidade básica de saúde Colônia Conceição, 2018.

PRIMAVESI, Ana Maria. **Manual do solo vivo: solo sadio, planta sadia, ser humano sadio**. 2ª ed. rev. - São Paulo: Expressão popular, 2016.

FREITAS, André Alexandre Ricco de. **A Reforma Agrária em Mato Grosso do Sul: Os dilemas e as possibilidades na criação de assentamentos rurais a partir da análise dos dados institucionais**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Dourados: UFGD, 2020.

SCALON, Maria Celi. **Mobilidade social no Brasil: padrões e tendências**. Rio de Janeiro: Editora Revan IUPERJ-UCAM, 1999.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **A luta pela terra: experiências e memórias**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

Recebido em setembro 2020.

Revisão realizada em janeiro de 2021.

Aceito para publicação em março de 2021.